

MANOEL PEREIRA SOBRINHO

O PRÍNCIPE E A FADA



2.248

MANOEL PEREIRA SOBRINHO



O PRINCIPE E A FADA

© Copyright 1959 — Editora Prelúdio Limitada
São Paulo — Brasil

Reservados à Editora todos os direitos de propriedade
literária e artística

Registrado na Biblioteca Nacional sob o N.º 12.227



RUA IPANEMA, 772 - FONE: 9-1374
SÃO PAULO

O PRÍNCIPE E A FADA



História comovente e emocionante, no tempo
que havia fadas Mistérios, amor, coragem;
encanto, desencanto, sofrimento e vitória.

Deus, Senhor, Mestre e amigo
Dai-me uma idéia adequada
Para escrever um romance
De uma cena passada
De Gessina com Bamam
Que é O Príncipe e a Fada.

Morriam os raios do sol
Na linha do horizonte;
Ouvia-se o rumorejo
Das águas em plena fonte
E uma áve agoureira
Voava em cima do monte.

Sorrindo, a lua brilhava
Na tela do firmamento;
As estrêlas reluziam
Ao sôpro do frio vento
O pincel da natureza
Embelezava o momento.

Havia naquele tempo
Um príncipe muito afamado
O seu nome era Bamam
Caçador abalizado
Que vivia de caçar
E na arte era treinado.

Já eram vinte e três horas
Ele já transpunha a serra;
A noite escura e sombria
Como um teatro de guerra;
A treva, naquêle antro,
Envolvia tôda a terra.

O príncipe naquela hora
Não tinha orientação
E não podia acertar
Qual a sua direção
Pois ali não tinha quem
Desse alguma informação.

E como não acertava
Por onde pudesse ir;
Carregou as suas armas
E disse: A vida é porvir;
Só aquêle que criou-me
Poderá me destruir...

Sentou-se ali no rochedo
Confiado no Destino
Dizendo consigo mesmo:
Todo vulto é pequenino
Diante das ordens supremas
Do grande juiz divino.

O vento naquela noite
Sôbre o penhasco gemia;
Nos montes uivaram lobos
Que de bem longê se ouvia;
Rosnavam tigres nas furnas
E o rasga-mortalha ria.

Enquanto isso Bamam
Calado se conservava
Sentado sôbre uma pedra
Suas armas empunhava;
E a natureza caótica
Com carinho contemplava...

Ele tinha vinte anos
Quando uma guerra venceu
Pegou soberbo monarca
E com êle se bateu
O monarca reuniu
Tôda a tropa, mas perdeu.

Passava de meia noite
Quando nessa ocasião
No centro d'uma caverna
Ouviu rugir um leão
Mas, com voz branda, suave,
Entoando uma canção.

A voz na canção dizia:
Sou inimiga das mágoas;
Nasci no ventre da serra
Sou irmã gêmea das águas;
Inocente como a flor
Consoladora das frágúas...

Não sinto calor, nem frio
Minha mãe é uma serra
O horizonte é meu pai
Pertengo à face da terra
Batizada pela paz
Odiada pela guerra.

Ele ouvindo esta canção
Ficou muito admirado
Porque nunca tinha ouvido
Som tão lindo e apurado
E disse consigo mesmo:
Só sendo reino encantado.

Levantou-se, dirigiu-se
 Prá onde a voz ecoava
 Enchendo tôda a montanha
 Cada vez mais aumentava
 Que a natureza sorria
 E a brisa silenciava.

Êle descendo a montanha
 Viu adiante um capuz;
 Uma cobra e um leão
 E um cruzeiro de luz
 Linda como a manjedoura
 Do nosso amado Jesús.

No centro uma bela jovem
 Pelas taís feras cercada
 Um gavião numa árvore
 De esmeraldina galhada.
 Maior do que uma águia
 Tinha a côr acinzentada.

Bamam quasi que num sonho
 A si fez interrogado:
 Meu Deus, estarei dormindo
 Ou estarei alucinado?
 Aquilo não é vivente
 Está mais do que provado!

Era uma jovem, bonita
 Que parecia uma deusa
 Tinha o porte de Cleópatra
 E a beleza de Creusa
 O tipo de Madalena
 E a face de Elieusa.

Os olhos eram imitantes
 À luz do sol na colina;
 Os cabelos ondulados
 Tão belos como bonina;
 As mãos brancas como a neve
 Uma figura divina.

Bamam parou e olhou:
 Viu o encanto e beleza
 Sôbre a corrente das águas
 Igual uma luz acesa
 E pensou em ser propósito
 Da divina natureza.

A jovem ali debruçada
 Sôbre a relva d'uma chã
 Brincando com a serpente
 Ouvindo um guriatã
 Perguntou: Quem é você
 Êle disse: Eu sou Bamam!

Permites que me aproxime
 Do teu porte delicado?
 Pois não, respondeu a jovem,
 Por mim estás convidado.
 Nada de mau sofrerás
 Si fores varão honrado!

Disse o príncipe: Essas feras
 Aí não me ofenderão,
 Como bem essa serpente
 E êsse enorme leão?
 Ela disse: Êstes viventes
 Só obedecem à razão.

Êle aproximou-se dela
 E lhe disse: Eu te adoro
 E o teu amor de virgem
 Por caridade eu imploro
 Mas, ela o olhou e disse:
 Eu não zombo nem namoro!

Sou igual a inocência
 E casta quanto uma abelha
 Mais fina que a essência
 Tímida como a ovelha
 Pertengo ao Reino da Luz
 Sou a divina centelha!

Sou o éco dos canhões
 Dos campos de Marmionda,
 O lírio das ribanceiras,
 O jardim d'Epaminondas;
 Nasci nos seios das águas
 Legítima filha das ondas!

Ele perguntou-lhe o nome
 Ela disse: Eu sou Gessina
 Dona do Reino das Águas
 E senhora da campina;
 Não sinto calor nem frio,
 Sou predileta divina.

Aqui vivo sôbre a relva
 Porque dela sou senhora;
 Este leão me defende,
 Esta serpente me adora,
 Este gavião me traz
 Notícia da branca aurora...

Dissé Bamam: Eu te juro
 Perante o esplendor da lua
 Que com isto o meu amor
 Pela tua alma flutua
 Prá mim nada tem valor
 A não ser a imagem tua!

Gessina disse: Eu também
 Desejo ser tua amada
 Mas, teu pai é orgulhoso,
 Soberbo; não crê em nada;
 Meu amor, tu és um príncipe,
 Eu sou uma simples fada.

Bamam disse: Ainda êle
 Me botando em tôda altura
 Por ti farei um pedido
 O qual selo com uma jura
 Prá deixar-me onde tu possas
 Ir na minha sepultura.

Assim lhe disse Gessina:
 Vamos lutar na emprêsa;
 Inchação não é gordura
 Cara feia é safadeza.
 Amor exige três coisas:
 Disposição, gênio e firmeza.

Disse o príncipe para a fada:
 Com o fim de te obter
 Enfrentarei tôda luta,
 Tudo poderei fazer;
 Lutarei até à morte
 Sentindo o maior prazer!

Disse ela para êle:
 Reconheço o teu valor.
 Espere aí dez minutos
 Para acalmar minha dor
 Que irei, neste momento,
 Falar com o Deus do Amor.

Debruçou-se sôbre a relva
 Adormeceu sem demora
 Surgiu uma núvem branca
 Que a cobriu nessa hora;
 Desapareceu a virgem
 Já vinha rompendo a aurora...

Aí dez minutos depois
 Apresentou-se Gessina
 Dizendo: Fui a Cupido,
 Como a sorte determina;
 E hei de casar contigo
 Para cumprir minha sina.

Viajaram para o reino
 Do pai do príncipe Bamam;
 Atravessaram as colinas,
 Alto, serra, vale e chã;
 Era, ao chegarem no reino,
 Seis e meia da manhã...

O rei quando viu a fada
Fitou-a com indignação
Mandou ela ir-se embora
Ao príncipe deu prisão;
Gessina disse consigo:
Amor é a perdição!

Por entre as grades do cárcere
O príncipe ela abraçou
Dizendo: Adeus minha amada!
Gessina ainda o beijou
Bamam exclamando a ela
Assim se recomendou:

Benzinho, adeus para sempre!
Eu sou jardim, tu és flor!...
Ela lhe disse: Sossegue
Que lhe porei no andor
Onde tudo vencerás
No reino do Trovador.

E disse ao pai do príncipe:
Podes tu te preparar
Que venho buscar Bamam
Me custe quanto custar;
A demora é minha irmã
Disto se certificar!

Nessa hora um conselheiro
Disse ao rei, com brevidade:
Majestade chame as fôrças
Prá guarnecer a cidade
Pois vos posso garantir
Que vai haver novidade.

O rei convocou ligeiro
Cento e vinte guarnições
Entrincheirou a cidade
Em todos os quarteirões
E recomendou cuidado
Em tôdas as posições

Gessina tinha uma irmã
Com o nome de Adrina
Com potência de mil gênios
Legítima herdeira da Lina
Gessina contou a ela
Chorando, como menina.

Tens amor a êsse príncipe?
Adrina assim perguntou.
Tenho, respondeu Gessina,
Amei-o e êle me amou!...
Disse Adrina: Minha irmã,
As tuas ordens estou!

Adrina deu um apito
Chamou um gênio invisível
Êle chegando, ela disse:
Me faça o que fôr possível;
Me traga o príncipe Bamam
Faça até o impossível!

No reinado de Dom Crispo
Êle está encarcerado
Você me retire êle
E tenha muito cuidado
Para ninguém lhe avistar
Que eu lhe faço esperado.

Sim senhora, disse o gênio;
E saiu a todo pano;
O telhado da cadeia
Acoitou no oceano.
Trouxe o príncipe e deu à fada
Mostrou que tinha bom plano.

E devido o rei pensar
Que havia novidade
Botou vinte mil soldados
A patrulharem a cidade
E pôs nas portas do cárcere
O sêlo da majestade.

Botou três mil sentinelas
Na cidade patrulhando
E êle mesmo ficou
A noite tôda rondando
E por grande novidade
Todos ficaram esperando.

Mas, com essa segurança
O gênio ali penetrou.
Levou o príncipe dormindo
No mar as telhas jogou
Entregou êle à Gessina
E a tropa não notou.

Quando entregou-o a Gessina
Ela lhe disse: Eu preciso
Que você leve Bamam
Ao reino do Improviso
Nos pés do Amor o ponha
Dentro do templo do Riso.

Então, naquele momento,
O príncipe bem ressonando
O gênio o levou nos braços
A marcha foi aumentando;
No reinado de Dom Crispo
O dia vinha raiando.

O rei partiu para o cárcere
E logo que avistou
O pavilhão descoberto
Aos soldados perguntou
Como não teve resposta
Baixou a vista e chorou.

Um vassalo disse a êle:
Conheço uma velha prática
Que sabe descobrir tudo
Porque ela é matemática;
Lê, escreve e conta bem
Faz mágica e enigmática.

O rei mandou buscar
Que sem demora chegou
Êle lhe disse o assunto
Ela no chão se deitou
Ao demorar um pouquinho
Disse: Todo jeito eu dou!

A velha naquela hora
Um talismã retirou
E deu nele três pancadas
O gênio Orion chamou
E perguntou qual o gênio
Que ao príncipe Bamam levou.

O gênio disse: Senhora
Foi a fada da colina
Que é filha do Horizonte
E senhora da campina
E' do sol a tesoureira;
O nome dela é Gessina

Aonde ela botou êle?
Pergunta a velha otimista.
O gênio disse: Senhora,
Eu perdi êle de vista
Mas, pegue o seu quadro mágico
Que nêle a senhora avista.

Ela retirou o quadro,
Dêle tirou um narciso
E do narciso um espêlho
Viu bem o salão do Riso
O príncipe Bamam deitado
No reino do Improviso.

E no mesmo quadro via:
Bamam, Gessina e Cupido
Num só leito todos três
E cada qual mais querido
Sob núvem purpurina
Como lençol estendido.

O rei disse para a velha:
 Veja se faz qualquer cousa
 Por mim e pelo meu filho
 Se não vai prá fria louza.
 Ela olhou e viu Bamam
 E Gessina, como espôsa.

A velha cuspiu no quadro
 Beijou-o, depois soprou
 Disse três palavras mágicas
 Um monstro se apresentou
 E foi dizendo prá ela:
 Às vossas ordens estou!

Disse a velha: Vá no reino
 Do Trovador, sem demora
 Nos pés do Deus do Amor
 No templo Branca Aurora
 Tem um príncipe e uma flor
 Traga o príncipe nesta hora.

Porém, entre com cuidado
 Para não tocar na cruz
 Aonde existe uma flor
 Verde, formando um capuz
 Não tenha medo de nada
 Que o guarda é aquela luz.

O gênio seguiu viagem
 Com um pêso e uma balança
 Foi ao templo, trouxe o príncipe
 Na maior perseverança
 E quando o rei viu o filho
 Chorava como criança.

Quando Gessina em seu leito
 Do seu sono despertou
 Não vendo o príncipe Bamam
 Como criança chorou;
 Exalou fortes suspirou
 E ali mesmo desmaiou.



Correu e disse, em soluços
 Ao soberano Cupido
 Que do palácio do Riso
 Tinham a Bamam conduzido
 Foi à sua irmã Adrina
 E disse o acontecido.

Adrina disse, raivosa;
 A sua querida irmã:
 Pode ficar descansada
 Mando buscá-lo amanhã;
 Não precisa se vexar
 Porque minha idéia é sã.

E a velha que mandou
 Buscar o príncipe Bamam
 Vendo êle, disse ao gênio:
 Gessina vai à irmã
 Porém, tira a conta errada
 Pois sou a fada Acauã.

Agora contra a Adrina
 Eu vou entrar em batalha
 Você suba com o príncipe
 Onde ninguém lhe atrapalha
 Passe as montanhas lunares
 Corte vales e muralha.

Na frente você avista
 Uma bonita cidade
 No centro um templo de ouro
 Entre lá, sem novidade
 Nêle você vê um velho
 Ancião, de grande idade.

Diga a êle que Acauã
 Mandou a êle entregar
 Êste príncipe e êle o guarde
 Onde ninguém possa achar
 E tenha muito cuidado
 Até eu mandar buscar.

O gênio pegou o príncipe
 Pelo espaço voou
 No templo do Deus do Ouro
 O príncipe depositou
 E disse para o velhinho
 Como a velha lhe ensinou.

Êle tudo concordou
 Já era pela manhã
 Pegou Bamam e guardou
 No quarto de Oritã
 Enquanto isso Gessina
 Chorava aos pés da irmã.

Adrina foi em pessoa
 Caçar o cunhado seu;
 Penetrou no oceano
 Passou pelo rio Alfeu
 Perguntou até ao vento
 Ninguém noticia lhe deu.

Mergulhou no mar das Lágrimas
 Viu uma sereia nua
 Ajoelhada em seus pés
 Tinha uma velha falua
 Disse a ela que Bamam
 Estava através da Lua.

Adrina disse: Tu podes
 Dizer-me, sem desaforo
 Quem tem meu cunhado prêso?
 Disse a velha: O Deus do Ouro
 Senhor das montanhas cósmicas
 Um verdadeiro tesouro.

E a senhora querendo
 Ir até lá agora
 Siga em velocidade
 Vá ao império da Hora
 Que lá encontra o Destino
 E lhe ensina, sem demora.

Adrina veloz saíu
 No dito império chegou
 Tendo encontrado o Destino
 Para êle perguntou
 E pediu informação
 Êle então assim falou:

Sòmente o tempo resolve
 Tôda esta sua questão
 Não tenho nada com isto
 E' outra a minha missão
 Sôbre êsse príncipe não posso
 Dar nenhuma informação.

O tempo por tudo espera
 Só protege a quem merece
 Dá o valor a quem tem
 O que se dá não esquece
 Êle só é quem resolve
 Sem amor, sem interêsse.

Fora do tempo não chove,
 Nem também morre ninguém
 Tem o tempo para o mal
 E o tempo para o bem
 O tempo é quem manda tudo
 E tempo prá tudo tem.

Adrina aí foi ao Tempo
 Êle estava bem sizudo
 Mandou ela à Diligência
 Que é senhora de tudo
 A Diligência mandou
 Ela falar com o Estudo.

O Estudo disse a ela:
 Procure o gênio Oriam
 E mande êle ir buscar
 O noivo de sua irmã;
 Pode ser que êle vá
Antes da outra manhã.

Adrina chamou o gênio
 Dizendo em tom de decôro:
 Oriam, vá me buscar
 Das garras do Deus do Ouro
 O noivo de minha irmã
 Que está em desadouro.

E' lá na côrte do campo
 Que o príncipe Bamam está
 Você vá e furte êle
 E traga-o aqui já
 Porque você sabe bem
 Que várias vêzes foi lá

Conheço bem, disse o gênio,
 Mas preciso lhe dizer
 Que êle está guarnecido
 Onde ninguém possa o ver
 Das garras do Deus do Ouro
 Não há quem possa o trazer.

Disse a fada: Eu lhe ensino
 Como se deve chegar;
 No oceano da Luz
 Primeiro tem que passar
 Lá existe um Peixe Branco
 Que vai lhe acompanhar.

O peixe lhe levará
 Ao Deus d'Águas Azuis
 E' uma grande cidade
 Em tôrno de linda luz
 Você entre na cidade
 E passe a primeira cruz.

Assim que entrar na cidade
 Na frente encontra um portão
 Com uma placa de pérola;
 Nela tem a perfeição
 D'uma môça retratada
 Com uma espada na mão.

Você lhe tome a espada
E tenha perseverança
Com ela, bata na porta
Chega uma áve mansa
Você mande ela chamar
A áve da Esperança.

E' um pombo quasi azul
Do pescoço esverdeado
O bico com cinco estrêlas
Fala bem, é educado;
Faça referência a êle
E lhe dê êste recado:

A rainha da Campina
E' filha do Horizonte
Manda dizer ao senhor
Que agora mesmo se apronte
Prá falar ao Deus do Ouro
Através da bela fonte.

Para retirar um príncipe
Que prá ela tem valor
Bamam, filho de Dom Crispo
E do reino do Trovador
Foi roubado por um gênio
Dos pés do Deus do Amor!

Vamos lá, lhe disse o Pombo,
Falamos com o rei do Ouro;
Você entre; eu o empalho
Prá tirar-lhe o desaforo
Ligeiro conduza o príncipe
Antes dêle dar estouro.

Assim, mesmo fez o gênio
Logo que o Pombo chegou
Que chama ó Deus do Ouro
O gênio Oriam entrou
Levou o príncipe Bamam
Na frente um gênio apitou.

O Deus do Ouro correu
Prá ver o que tinha sido.
Bamam tinha ido embora;
Êle ficou atordido
Quando foi falar com o Pombo
Tinha desaparecido...

O velho ficou pasmado
E o gênio viajou
Com Bamam desacordado
E à Gessina entregou
Que os passarinhos cantassem
Naquele instante ordenou.

Aí Adrina mandou
No reino do Trovador
Explicar o ocorrido
Ao grande Deus do Amor
O qual ao saber de tudo
Ficou cheio de esplendor.

Adrina mandou dizer-lhe
Que estavam em andamento
Todos os preparativos
Prá o dia do casamento
E que o Deus do Amor
Tomasse conhecimento.

Gessina mandou fazer
Um gorrinho prá Bamam
Em casa de Setestrêlo
Por ordem de sua irmã
E o sol veio trazer
Mandado pela Manhã.

Mandou fazer uniforme
Na casa do Deus do Mar
Êste mandou Prosilpina
No mesmo instante levar
Com escudos de guerreiros
Que faziam admirar.

O sapato de Bamam
 Já parecia um tesouro:
 Cravejado de brilhante
 Encrustadinho de ouro
 Um lenço de seda azul
 Bonito alfinete d'ouro

Mandou fazer para ela
 Um chapéu bem moldurado
 Contendo os cetras das deusas
 Do presente e do passado;
 Um vestido azul brilhante
 Igual o céu estrelado...

Os sapatos de Gessina
 Foram feitos sem demora
 Por uma deusa encantada
 Do reino da Branca Aurora
 Com letreiro: G B A
 Gessina, Bamam lhe adora.

Preparou-se os enxovais
 Não houve mais argumento;
 Cupido, o Deus do Amor
 Marcou logo o casamento
 Ficou Bamam e Gessina
 Ambos n'um só pensamento.

Tôdas as tardes Bamam
 No colo dela dormia;
 Ambos gozavam uma vida
 De amor e simpatia;
 Honestidade e direito,
 Música, paz e harmonia.

Porém, a velha Acauã
 Quando soube da cilada
 Que Adrina havia feito
 Ficou bem aperreada
 Porque perante a Dom Crispo
 Ficou desmoralizada.

TÔDAS AS TARDES BAMAM
 NO COLO DELA DORMIA;
 AMBOS GOZAVAM UMA VIDA
 DE AMOR E SIMPATIA;
 HONESTIDADE E DIREITO,
 MÚSICA, PAZ E HARMONIA.



Em uma montanha aquática
Ela soube que havia
Um gênio em uma prisão
Que muito lhe serviria
Mas, não achando outro meio
Valeu-se da bruxaria.

Num dos quadros qu'ela tinha
Olhou e viu um caixão
De mármore numa montanha
Do mar e bem no porão
Que somente ela abriria
Com a sua própria mão.

Porque o marido dela
Tinha sido feiticeiro;
Deixou prêso aquêle gênio
Prá no fim ser seu herdeiro
Só Acauã lhe soltava
Quando morresse primeiro.

A velha fez outra mágica,
Um gênio lhe apareceu
E perguntou: Onde vais?
A fada lhe respondeu:
Buscar o gênio do mar
Que meu marido o prendeu!

Deu um pulo, foi embora
Trouxe o caixão sem perigo
Com duzentas e dez chaves
Abriu lá no seu abrigo;
De dentro pulou um gênio
Dizendo: Sou seu amigo!...

O que quer, pode dizer
Estou pronto a lhe servir
Porque eu dêste caixão
Não esperava sair
E para qualquer lugar
Pronto estou para seguir.

Conheço o Reino da Luz,
A profundeza do mar,
O reino do Pensamento
A macieza do ar;
Aqui em cima da terra
Faço tudo que mandar.

Domino quatro mil gênios
Em todos domínios meus;
Dentro da astronômia
Só não mando o grande Deus;
O Pino do meio-dia
Fica nos domínios seus!

Acauã disse: Já sei
Que você é como rã
Ande por todos os cantos
Cidade, arraial e chã
Deserto, grota e ladeira
Mas, traga o príncipe Bamam.

O gênio tirou do bolso
Uma chapa de três côres
Foi olhando viu Gessina
Com Bamam dentro das flores;
Ele mostrou-os à fada
Ela viu os esplendores.

Então o gênio do Mar
Dali desapareceu
Junto a Bamam e Gessina
Nêsse jardim se escondeu;
Transformou-se numa flor
E ali permaneceu.

Gessina tinha cuidado
A Bamam nunca soltou;
Descuidou-se nesse dia
Ele a flor ali cheirou;
Adormeceu e o gênio
No momento o carregou...

Gessina tendo o perdido
 Pegou o seu talismã
 Deu-lhe trinta e três pancadas
 Chamou o gênio Oriam
 E ordenou que êle fôsse
 Buscar o príncipe Bamam:

O gênio, sem ter demora,
 Pegou seu anel soprou;
 Fez símbolo de Salomão
 Pegou um pó e jogou
 Pôde ver, perfeitamente.
 Êle é quem o carregou.

Viu bem que a fada Acauã
 Tinha mandado buscá-lo
 Porém, em lugar estranho
 Por certo mandou guardá-lo
 Que o gênio muito lutou
 Mas não pode decifrá-lo.

Adrina, irmã de Gessina,
 Tinha uma lâmpada excelente
 Que lhe mostrava o passado
 O futuro e o presente
 Mas, a velha embaraçou-a
 Tudo foi inutilmente.

Adrina riscou a lâmpada
 E viu um gênio chegar
 Era Vulcão. Ela disse:
 Vá hoje mesmo queimar
 A velha fada Acauã
 E jogue a cinza no mar!

Disse depois: Sim, lembrei-me,
 Ponha a cinza num caixão;
 Lacre muito bem lacrado
 Entregue ao gênio Dragão
 Que vive na cova aquática
 No mar dentro dum porão.

O gênio com essa ordem
 Dalí mesmo viajou
 E como era Vulcão
 Acauã incendiou
 Depois apanhou a cinza
 E ao Dragão entregou.

Adrina no mesmo dia
 Falou prá Deusa das Águas
 Ela disse: Você vá
 Falar com a Deusa das Mágoas
 E esta deusa a mandou
 Rogar a Deusa das Fráguas.

Então a terceira Deusa
 Lhe deu um pequeno "breve"
 Ordenando: Vá até
 À Serra da Branca Neve
 Falar com Abadalom
 Pois ela a tudo se atreve.

Ela foi à Abadalom
 Declarou-lhe tôda história
 Do começo até ali
 Pois a tinha na memória;
 O velho então lhe ensinou
 Como teria a vitória.

Disse: Precisa levar
 Um vidro d'água da vida;
 Dá uma gôta ao Dragão
 E logo ali em seguida
 A velha fada Acauã
 Será logo devolvida.

Mas está meio difícil
 Eu sei aonde ela está;
 Vou chamar um dos meus gênios
 Mas, talvez êle não vá;
 Com jeito vou agradá-lo
 E sei o que êle dirá.

Apitou pelo nariz
Um grande vulto chegou
E foi dizendo: Meu chefe,
Às vossas ordens estou!...
Nessa hora Abadalom
Para êle assim falou:

Conhece o reino imortal,
Aonde tem a semente
Que faz o bem e o mal
E tem de todo vivente
Um original de cada;
Muito detalhadamente?

Disse o gênio: Eu não conheço
Mas a ordem cumprirei!
O velho disse com calma:
Agora lhe ensinarei
E você vai acertar
Na linha reta da lei!

Você, antes de chegar,
Vê três morros de brilhantes
Vê sete livros de pedra
Em quatro antigas estantes
No do centro está escrito:
Reclamação dos Amantes.

Pode seguir a viagem
Sem ter nenhuma suspeita;
Na frente tem uma estátua
Apontando prá direita
Orientando a quem vai;
E' obra muito perfeita.

Não dê atenção a nada
A viagem vá seguindo
Na frente tem um portão
E neste um leão dormindo
Com uma pena e um tinteiro
Na bôca, quasi engulindo.

Tire o tinteiro e a pena
Para o leão não notar
Faça um sinal no portão
Para êle escancarar
E a êle diga, baixinho:
Só feche quando eu voltar!

Adiante há um caixão
Contendo chave comprida;
Pegue a chave, sem demora,
Abra o caixão em seguida
Dentro tem um vidro verde
E' o da Água da Vida.

Vá e volte sem demora.
O gênio nisto voou
Dentro de sete minutos
No reino foi e voltou
Trazendo a Água da Vida,
A Abadalom entregou.

Abadalom deu à fada
Ela então se retirou
Deu lá um pingo ao Dragão
A velha, ressuscitou
Aonde estava Bamam
Na mesma hora explicou.

Chamou o gênio Bari
Ordenou-lhe: Vá buscar
No reino da Meia-Noite
O que eu mandei guardar
Êle vexado seguiu
Em pouco estava a voltar.

Com Bamam, o belo príncipe,
Veio o gênio e entregou
À Gessina com prazer
E o casal se retirou
Foi quando a fada Acauã
Nessa hora se encantou.

No reino do Trovador
A fada foi com Bamam
Acompanhada de Adrina
A sua querida irmã
Chegaram na madrugada
Casaram pela manhã!...

O amor é invencível
E não tem superior
Não há poder nesta terra
Para lhe causar terror
Porque vem do Paraíso
A bela palavra: *Amor*.

Tudo quanto há na terra
No grande espaço e no mar
Desde o rochedo mais duro
Ao véu gazoso no ar
Gasta, porém o amor
Nunca pode se acabar.

No dia do casamento
O tempo ficou mudado;
A brisa soprou macia,
O vento ficou parado;
E sobre os noivos se via
Um nevoeiro azulado.

Compareceu a aurora
E a brisa da manhã
O sol, a lua, as estrêlas
E Adrina a boa irmã;
Gritavam pedras e flores:
Viva Gessina e Bamam!

Também veio nessa hora
O zumbido das cascatas,
A fonte com seu murmúrio
Entre lindas cataratas;
O aroma das florestas
Tôdas as flores das matas.

NO DIA DO CASAMENTO
O TEMPO FICOU MUDADO;
A BRISA SOPROU MACIA,
O VENTO FICOU PARADO;
E SOBRE OS NOIVOS SE VIA
UM NEVOEIRO AZULADO.



Morreu a fada Acauã
Adrina depois casou
Na côrte do rei Dom Crispo
Onde Bamam se criou
Erigiam-lhe uma estátua
Linda e nunca se acabou.

Porisso aconselho ao homem
Escolher do seu agrado
Rica, pobre, preta ou branca
E dedicar-lhe o tratado
Insistir até casar
Rasgar inferno e o mar
Até ficar apossado.



7594

ALGUMAS EDIÇÕES PRELÚDIO

- UM DRAMA NAS SELVAS DO AMAZONAS** — Um drama sangrento, vivido nas selvas amazônicas, onde florescem seringaís riquíssimos, e onde a ambição leva os homens a enfrentar perigos e feras. Em versos.
- ZÉ DO TELHADO** — História de um bandoleiro luzitano que vive as mais emocionantes aventuras, sendo como poucos, astuto, valente e dinâmico. Uma história de lances empolgantes e fabulosos. Em versos.
- JUVENAL E O DRAGÃO** — História de Juvenal, um jovem que ao perder o pai, recebeu a estranha herança de três carneiros. Trocou-os por três cães misteriosos e de aventura em aventura, consegue salvar uma linda princesa das garras de um temível dragão, ganhando seu amor pela vida toda. Em versos.
- O FILHO DO VALENTE ZÉ GARCIA** — História de um valente boiadeiro, que com um amigo, muda-se para uma cidade vizinha. Vive aventuras empolgantes, conseguindo derrotar os capangas do cruel fazendeiro, pai de sua amada. Uma história cheia de lances dramáticos. Em versos.
- O JULGAMENTO DE CANÇÃO DE FOGO NO CEU** — Cancão de Fogo é um personagem fabuloso, que consegue vencer a todos com sua astúcia e sua audácia. Após sua morte, é levado para o céu, onde deve ser julgado. O seu julgamento é inteligentemente defendido por si mesmo, que com sua lábia consegue envolver em sofismas seus julgadores. Em versos.
- A PRINCESA DO REINO DA PEDRA FINA** — A linda princesa encantada estava entregue a um cruel destino. Ninguém atrevia-se a tentar desencantá-la, até que surge um corajoso jovem disposto a tudo. Vivem de proezas fabulosas, consegue desencantá-la e ganha assim o seu amor. Em versos.
- O CASAMENTO DO MACACO COM A ONÇA** — Uma história tipo fábula, em que os animais vivem e pensam. Divertida narrativa, na qual a onça casa-se com seu proverbial e antigo inimigo, o astucioso macaco. Em versos.
- O CRIME DO POÇO** — Uma história de garimpeiros, onde a ambição cruel lança um jovem ao infortúnio. Assassinado e lançado no fundo do poço, o cadáver do desditoso rapaz é descoberto pela polícia, que resolve fazer justiça, provando mais uma vez que o crime não compensa. Em versos.

Si não encontrar com seu vendedor alguma de nossas publicações,
dirija seu pedido para a **EDITORÁ PRELÚDIO LTDA.**
Rua Ipanema, 772 — Fone 9-1374 — São Paulo